

MEDIAÇÃO

A fabricação do prefeito da capital: estudo sobre a construção da imagem pública de Pereira Passos
*Américo Freire**



Foto: Augusto Malta
Pereira Passos e Tina de Lorenzo - Arquivo Histórico do Museu da República.

* Doutor em História Social, Pesquisador do CPDOC/FGV e Professor do CAP/UFRJ. E-mail: americo@fgv.br.

MEDIACÃO

Resumo – Neste texto, pretende-se examinar a maneira pela qual alguns setores da intelectualidade carioca, por meio da imprensa, contribuíram para a produção de um personagem símbolo – o prefeito Pereira Passos –, a quem foram atribuídas as condições necessárias para se fundar um novo tempo na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Pereira Passos; Rio de Janeiro; reforma urbana; intelectuais.

Introdução

Em outubro de 1897, em manifesto de candidato à Presidência da República, Campos Sales expôs duas das principais diretrizes do seu futuro governo: a defesa do federalismo, o que pressupunha uma estreita colaboração com os governadores dos estados, e a administração das finanças públicas: “Muito terá feito pela República”, afirmou, “o governo que não fizer outra coisa senão cuidar das suas finanças.” Assim prometeu e assim fez. Estabelecido o acordo com os principais governadores – o que deu origem à “política dos estados”, proporcionando maior controle sobre o conjunto do sistema político –, Campos Sales tratou de se voltar para o cotidiano da administração. Adotou medidas de caráter restritivo, tais como o aumento de impostos, e com isso desencadeou uma saraivada de críticas contra sua gestão, publicadas diuturnamente por grande parte da imprensa carioca.

Quanto à administração da capital, Campos Sales foi igualmente rígido. Adotou uma estratégia bifronte que consistiu em reduzir a influência dos grupos locais e manter à míngua os cofres da municipalidade. Durante os quatro anos de governo, nomeou cinco prefeitos, sendo que a nenhum deles assegurou poderes para liderar a administração pública e o jogo político da capital. Em síntese: promoveu o que em outra ocasião denominei a “estratégia do desmonte”. (Freire, 1995)

MEDIACÃO

Uma das poucas vezes em que o governo atuou explicitamente no sentido de mobilizar a imprensa e a opinião pública a seu favor foi durante a viagem que Campos Sales realizou à Argentina, em outubro de 1900, em retribuição à visita que o presidente Júlio Roca havia feito ao Brasil em agosto de 1899, quando antigos problemas de fronteira entre os dois países já haviam sido solucionados. Para divulgar sua estada no exterior, Campos Sales convidou para compor sua comitiva jornalistas de diversas publicações, os quais, em companhia de ministros, assessores, políticos e militares, tiveram a oportunidade de presenciar a magnitude das mudanças promovidas na face física de Buenos Aires pelo intendente Torquato de Alvear. (Franco, 1973)

Dos membros da comitiva, nenhum reagiu de forma mais enfática do que o escritor e jornalista Olavo Bilac. Diante do evidente contraste entre a “nova capital platina” e o seu “acanhado” Rio de Janeiro, por ele chamado de Sebastianópolis, Bilac utilizou em seus textos para a *Gazeta de Notícias* uma linguagem forte para propor mudanças urgentes na capital brasileira. Segundo ele, os brasileiros deveriam se envergonhar pelo fato de que “ali assim, a quatro dias de viagem, há uma cidade como Buenos Aires – e que nós, filhos da mesma raça e do mesmo momento histórico, com muito mais vida, com muito mais riqueza, com muito mais proteção da Natureza, ainda temos por capital da República, em 1900, a mesma capital de D. João VI em 1808 –, isso é o que dói como uma afronta, isso é o que revolta como uma injustiça”. Ao concluir, rogava aos céus pela sua cidade: “Quando aparecerás tu, Providência desta terra, Alvear da cidade carioca?!”¹

A despeito das queixas de Bilac e de outros membros das elites intelectuais e políticas, Campos Sales, ao retornar ao Rio de Janeiro, pouco fez no sentido de alterar a linha geral do seu governo em relação à capital. É bem verdade que, em outubro de 1901,

MEDIAÇÃO

indicou um novo prefeito – Xavier da Silveira –, a quem foram dadas condições de orçamento um pouco melhores para promover algumas obras. Afinal, as eleições presidenciais se aproximavam e era preciso reduzir o “garrote” e começar a liberar alguns recursos. De qualquer forma, pelos constrangimentos acima descritos, Silveira nem de longe foi visto à época como o “Alvear” da capital brasileira.

Tudo isso começou a mudar em 1902, com a eleição e posse do novo Presidente da República, o também paulista Rodrigues Alves, um dos principais defensores da adoção de um regime forte na capital como forma de promover mudanças radicais na “velha cidade” de São Sebastião. Pondo em prática suas idéias, Rodrigues Alves tratou de comandar uma verdadeira operação política, na qual os primeiros passos foram a suspensão temporária das funções do Conselho Municipal (Lei n° 939, de 29 de dezembro de 1902), e a nomeação daquele que deveria cumprir o papel de artífice das mudanças, o engenheiro Pereira Passos.

Imediatamente, cerraram fileiras ao lado do governo importantes nomes da intelectualidade carioca, os quais, ao saudar com entusiasmo o início dos novos tempos, contribuíram para produzir uma simbologia heróica em torno do prefeito, visto como o único capaz de livrar a cidade dos “corrinhos políticos” e do secular atraso.

Neste artigo, meu objetivo será examinar sumariamente esse conjunto de representações que deu origem a um modelo ideal de prefeito que até hoje povoa o imaginário político do Rio de Janeiro.² Para fins de exposição, dois textos de época irão nos servir de roteiro. O primeiro, uma crônica de Olavo Bilac de dezembro de 1903 sobre a construção da Avenida Central e sobre as eleições municipais, será o ponto de partida para se pensar o contexto político-cultural daquele Rio de Janeiro transfigurado em “laboratório” da reforma urbana. O outro texto é a introdução de uma entrevista concedida pelo prefeito

MEDIAÇÃO

Pereira Passos à *Gazeta de Notícias* em junho de 1903, ou seja, ainda no começo de sua administração. O interesse aqui está na maneira pela qual o jornalista descreve e constrói o ator político, o homem público, o protagonista Pereira Passos. (Levillain, 1988)

Vaga civilizatória e construção política

Em seu livro sobre a *belle époque* carioca, Jeffrey Needell apresenta uma brevíssima biografia de Olavo Bilac, na qual registra a trajetória ascendente do escritor e jornalista, desde os tempos do republicanismo até os da campanha da defesa nacional. Antiflorianista, como vários intelectuais cariocas, Bilac alcançou as graças do poder nos tempos de Campos Sales – daí o convite para a comitiva que foi à Argentina. A aproximação com os donos do poder o levaria, em 1907, a assumir o cargo de secretário do prefeito do Distrito Federal, o general Souza Aguiar. Nos meios literários, atingiu rapidamente grande prestígio, atuando com desenvoltura entre os vários círculos em que se dividia a intelectualidade carioca e assumindo, em 1901, coluna no prestigiado *Gazeta de Notícias* que antes que era escrita por Machado de Assis. Em 1907, foi aclamado pelos colegas de “príncipe da poesia brasileira”. (Needell, 1993)

Durante a gestão de Passos, na qual também foi brindado com um cargo público, Bilac não poupou esforços na defesa do programa de obras públicas que mudou a face da capital. Segundo Needell, mais do que mero interesse pessoal, havia nele uma “forte coincidência de interesses ideológicos – ele se identificava desesperadamente com o ‘Rio civilizado’, uma metamorfose da cidade e do cidadão que ele só poderia imaginar em termos de cultura francesa”. (Needell, 1993, p.235)

MEDIAÇÃO

Em sua campanha, o poeta Bilac valeu-se mais da crônica; nela, pôde discorrer com maior liberdade pelos temas do cotidiano carioca.³ Entre as muitas que escreveu na época, seja na *Gazeta de Notícias*, seja na revista *Kósmos*, uma delas tem sido citada pela historiografia pelo seu caráter de manifesto em favor dos novos tempos. Vale uma revisita.

Publicado na *Gazeta* de 6 de dezembro de 1903, o texto de Bilac não mede palavras para tratar do começo das obras da Avenida Central e das eleições para o Conselho Municipal que estavam sendo realizadas naquele dia. Em relação ao primeiro tema, Bilac vale-se da grandiloquência para registrar a importância da avenida como elemento regenerador não só da cidade, mas da própria civilização brasileira: “Daí a pouco o primeiro golpe de picareta (...) entoará a primeira nota do hino triunfal.” Otimista, completa: “E não teremos de viver muito para ver terminada essa obra de salvação nacional.”

Sobre as desapropriações promovidas pelo poder público para a construção da avenida, relata o caso de um acanhado casebre que, sustentado pela “Birra”, teimava em atrapalhar o “Progresso”. Era a resistência da “imundície” contra a “limpeza”, das “trevas” contra a “luz”. Finalmente, afirma Bilac, chegou o dia em que

(...) a desapropriação por força de lei conseguiu obter o que não obtivera a persuasão. O torpe casebre caiu, e o povo foi buscar uma banda de música, e triunfalmente passou e repassou sobre os destroços de monstro aniquilado, celebrando a vitória do Ar e da Luz. (...)

Eu vi, com estes olhos que a terra há de comer, a alegria do povo, – a alegria sincera e ruidosa, dessas que ninguém pode encomendar e pagar, e que são espontâneas e irresistíveis como os restos do mar e como as irradiações da luz do sol (...).

MEDIACÃO

Para mim, para o Rio de Janeiro e para todo o Brasil, o início das obras na Avenida, por acordo amigável com os proprietários, tem mais importância do que a eleição.

Depois do júbilo, o desgosto. É dessa forma que trata das eleições na cidade. Agora estamos diante do escritor irritado, impaciente, indignado:

De eleições andamos fartos (...). Mas os jornais dizem que a cidade não pode viver sem autonomia; e, como para a cidade a autonomia consiste na existência de um Conselho Municipal – ainda que esse Conselho Municipal trabalhe tanto como a Academia dos Sonolentos da China –, não é possível evitar essa despesa de papel, de tinta, de editais, de empadas, de cerveja, e de barela.

(...)

Valha-nos Nossa Senhora da autonomia! – e vamos às urnas, vamos completar o prestigioso Conselho, vamos dar mais um florão àquela coroa preciosa (...) Mas peçamos desde já aos conselheiros que deixem essa mania de renúncia! A cada renúncia, corresponde a uma nova eleição: e, francamente, nós temos todos mais o que fazer....

Como se vê, o estilo é rebuscado, mas o recado é direto. Em envolvente jogo de palavras, o leitor é apresentado a dois tempos históricos distintos. O primeiro é o tempo do dinamismo, da ação, do progresso, enfim, da *vaga civilizatória* que tomara conta do ambiente político-cultural brasileiro naquele início de século, que se desdobrara em campanhas, influenciadas pelos modelos europeus, em prol da modernização do país, das quais Bilac foi um dos principais cruzados. O segundo é o tempo do desconforto, da miséria, da lentidão, da sonolência, do *atraso*. Nesse tempo, o casebre e o ritual político

MEDIACÃO

local se confundem. Ambos estão a expressar o mesquinho interesse de um indivíduo ou de um pequeno grupo em contraposição ao interesse geral. No caso do casebre/birra, foi possível a vitória pela força da lei. Mas quanto às eleições locais? O que se há de fazer? Já que a imprensa afirma que elas devem continuar a existir, que continuem sem causar maiores transtornos. Na verdade, trata-se de um evento sem maior significado, realizado para eleger personagens menores, dispensáveis...

Nos meios intelectuais da capital, era comum a publicação de matérias na imprensa com críticas ao mundo dos políticos. Entre os círculos boêmios cariocas, por exemplo, a política republicana foi várias vezes representada como farsa, como no exemplar mapa da “Praça da República”, ou “Campo das Adesões”, do chargista Raul Pederneiras, publicado na revista *Tagarela*, no qual, como afirma a historiadora Mônica Velloso, “a cidade se transforma numa metáfora grotesca do regime republicano, cuja arquitetura se baseia em adesismo, corrupção, imoralidade e falcatruas”. (1996, p.113)

Em sua crônica, Bilac não foi tão longe. Em vez de fazer coro com os intelectuais e políticos que, de variadas formas, expressavam o desencanto com a República, tratou de concentrar as baterias em direção a alvos precisos: o Conselho Municipal e a luta autonomista, ou seja, dois dos fundamentos da ação política dos grupos locais. Dessa forma, dava curso à estratégia política do oficialismo, que consistia em manter na defensiva os grupos locais e ao mesmo tempo afirmar o novo modelo de capital centrado na figura do prefeito Pereira Passos. Vejamos.

Tal estratégia tomara corpo após a crise política que se desencadeou, em meados da década de 1890, entre o presidente civil Prudente de Moraes e o prefeito da capital, Furquim Werneck. O desfecho dessa história nada teve de surpreendente: a saída de Werneck, a

MEDIACÃO

nomeação de um novo prefeito fiel ao presidente e o conseqüente tensionamento das relações entre o Conselho Municipal – órgão no qual predominavam os grupos políticos locais – e o prefeito.

Como vimos, Campos Sales não fez questão de resolver a crise. Pelo contrário, tratou de alimentá-la, seja pela adoção de práticas mais rígidas de controle político e financeiro que tiveram resultados funestos para as contas da municipalidade, seja pela defesa da necessidade de alterar em profundidade o governo da capital, discurso esse que fazia coro aos que defendiam a instalação de uma junta governativa no Rio de Janeiro nos moldes do que ocorria em Buenos Aires. Diante da implementação dessa política, restava, ao final da administração de Campos Sales, um Conselho Municipal enfraquecido, um prefeito demissível a qualquer momento e partidos políticos locais em decomposição.

Em um primeiro momento, o presidente Rodrigues Alves esboçou na capital uma “solução argentina”, qual seja, a introdução de um regime de exceção na prefeitura comandado por um administrador determinado como Torquato de Alvear. Depois, diante do impacto positivo da administração de Pereira Passos, Alves reuniu condições para restabelecer o pacto político na capital por meio do fortalecimento político-administrativo do prefeito e da manutenção de um Conselho Municipal, embora com reduzidas atribuições de governo.

De dezembro de 1903, quando estavam sendo estabelecidas as bases da nova institucionalização da capital, com a abertura de espaço para os grupos locais – daí o retorno das eleições e dos rituais políticos –, a crônica de Bilac bem expressa as tensões daquele momento fundador: a força simbólica do início das obras da Avenida Central, convivendo – para desgosto de Bilac e de outros membros das elites intelectuais e políticas

MEDIAÇÃO

– com acordos, idas e vindas, obstáculos, demandas, concessões, enfim, com o mundo da política.

Imprensa e poder: a fabricação do prefeito

Na passagem do século XIX para o XX, a imprensa carioca passava por grandes transformações. As novas técnicas de impressão e de edição barateavam e popularizavam os jornais. O conteúdo ganhava feições mais mundanas, com a crônica social e a publicação de folhetins. De sisudo veículo de notícias, o novo jornal tornava-se ao mesmo tempo mais leve e popular, com espaço para os literatos e também para o grotesco, para a violência das notícias policiais. (Barbosa, 1996).

Predominava ainda, no entanto, o que Habermas denominou de “jornalismo literário”: o lucro cedia lugar aos “imperativos de idéias, opiniões e personalidades”. (Habermas, 1984) Conservavam importância grandes personalidades, como José do Patrocínio e seu jornal *Cidade do Rio*, já em declínio naquele início do século; Rui Barbosa e a *Imprensa*; Edmundo Bittencourt e Leão Velloso e o *Correio da Manhã*; Alcindo Guanabara e Medeiros e Albuquerque, em geral colaboradores d’*O Paiz*; o próprio Olavo Bilac, na *Gazeta de Notícias* e na revista *Kósmos*; além de donos de jornal influentes como João Lage, d’*O Paiz*, e José Carlos Rodrigues, do *Jornal do Commercio*. (Barbosa, 1996)

Imprensa e poder entrecruzavam-se. Para o jornalista, muitas vezes, como é o caso de Alcindo Guanabara, o jornalismo representava uma possibilidade de ascensão social, de obtenção de cargos públicos ou mesmo de maior reconhecimento em relação à carreira literária (Medeiros, 1997); para o homem público, o jornal era a tribuna ampliada, era a

MEDIAÇÃO

confirmação do prestígio e da influência, era o lugar da defesa e principalmente do ataque nas famosas seções “a pedidos”.

Configurava uma imprensa de opinião, de expressão da personalidade do dono do jornal ou do redator-chefe, mas também uma imprensa bastante vulnerável aos apetites do poder. Em *Da propaganda à Presidência*, Campos Sales assinalava a existência da “indústria do jornalismo” e afirmava com todas as letras que durante o seu governo corrompera vários jornais cariocas, seguindo a mesma linha estabelecida pelos antecessores: “Com tais precedentes, e dada a situação excepcionalmente difícil em que se encontrava o meu governo, não duvidei em enveredar por esse caminho francamente aberto e trilhado pelos que me antecederam.” (Campos Sales, 1983, p.179)

Seja como empresa que se modernizava e que procurava definir e manter seu público, seja como local de embate de idéias ou mesmo de barganha com o poder público, ou tudo isso ao mesmo tempo, o fato é que a imprensa carioca atuou em geral como importante agente produtor de bens simbólicos identificados com o projeto civilizador do poder central (Bourdieu, 1992). Com isso, inegavelmente, deu fôlego ao processo de modernização implementado na gestão de Passos.

Mais especificamente, parece-nos que certas publicações tenderam também a reforçar (voluntariamente ou não) uma imagem mítica do prefeito, em que este aparece como alguém enviado pelas alturas para cumprir uma missão salvadora. Segundo Girardet, no processo de heroificação, há períodos sucessivos que diferem uns dos outros pela sua “tonalidade afetiva”. Para o autor,

MEDIAÇÃO

(...) há o tempo da espera e do apelo: aquele em que se forma e se difunde a imagem de um Salvador desejado (...). Há o tempo da presença, do Salvador enfim surgido, aquele, sem dúvida, em que o curso da história está prestes a se realizar (...). E há ainda o tempo da lembrança: aquele em que a figura do Salvador, lançada de novo no passado, vai modificar-se ao capricho dos jogos ambíguos da memória, de seus mecanismos seletivos, de seus rechaços e ampliações. (Girardet, 1987, p.72)

O primeiro desses tempos, o da espera e da aclamação, expõe-se tanto no expressivo rogo de Bilac citado, quanto na saudação entusiástica que vários órgãos da imprensa fizeram à nomeação e às primeiras medidas de Pereira Passos.

No “fazer da história”, os olhos voltam-se para cada gesto do prefeito. Tudo faz sentido, ou melhor, tudo ganha sentido.⁴ Este é o caso de uma expressiva reportagem da *Gazeta de Notícias*. O cenário é a casa aristocrática de Pereira Passos. O tempo é o que antecede a uma entrevista do prefeito às vésperas da reabertura do Conselho Municipal, em junho de 1903. Acompanhemos a detida descrição do entrevistador/observador da *Gazeta*:

[o encontro se deu na] (...) Rua das Laranjeiras, numa linda e confortável vivenda. Após o jantar, no fumoir, cujas paredes desaparecem sob as tapeçarias e os quadros, o Dr. Pereira Passos enterra-se em uma dessas profundas e confortáveis poltronas, como só os ingleses as sabem fazer, e acende o charuto. Sentado em frente dele, examinávamos esse homem infatigável, que tem a vontade, rara entre nós, de saber querer e que acaba de governar discricionariamente uma cidade, durante seis meses.⁵

MEDIACÃO

O repórter assinala o gênio arrebatador de Passos, capaz de rompantes que “estremecem paredes” diante de uma ordem mal executada. Porém, quando passa a “tempestade”, é o primeiro a reconhecer o erro, se não tiver razão. Afirma que a entrevista não foi uma tarefa fácil, pois seu interlocutor não é homem de palavras: “É homem de ação.” E continua: “Fala pouco, é preciso arrancar-lhe as palavras. E enquanto fala, levanta-se, torna a sentar, para dali a pouco tornar a levantar-se; assim o quer o seu temperamento nervoso.”

Durante a entrevista, Passos indigna-se; responde às questões com ênfase; ri; silencia; e conclui a última resposta generoso, defendendo o fechamento do comércio aos domingos para que o nosso “povo triste” tivesse o ensejo de divertir-se.

A descrição do entrevistado pelo jornalista parece expressar algo mais do que os assomos de um adulator ou “chaleira”, conforme o termo da época. Nitidamente, o repórter quer dar um tom teatral a tudo aquilo. Na construção de seu personagem, cada detalhe ganha expressão dramática. Homem bem posto na vida, de hábitos refinados e aristocráticos, Passos tem a força da determinação em seus atos e destemperos, mas também o equilíbrio necessário para reconhecer seus erros. Suas pausas também são expressivas. Trata-se do cuidado com as palavras, próprio do ritual do poder. É a necessidade, segundo Balandier, da “comunicação calculada, em que se procuram ‘efeitos precisos’: [ela] não desvenda senão uma parte da realidade, pois o poder também deve sua existência à apropriação da informação, dos ‘conhecimentos’ exigidos para governar, administrar, e para exercer seu domínio de Estado; e os governantes sabem que ‘algumas coisas lhes são ocultadas’. A arte do silêncio é parte da política”. (Balandier, 1992, p.13)

MEDIACÃO

Se seguirmos os modelos de heroificação sugeridos por Girardet (1987), poderemos afirmar que em Passos estão contidas, ou fundidas, duas formas de exercício da autoridade política: *gravitas* e *celeritas*. A primeira refere-se à experiência e à sabedoria do ilustre e velho combatente encarregado de restaurar com prudência a ordem ameaçada. A legitimidade do seu poder está no passado de provações e glórias. Pelos hábitos conservadores e experiência, Passos era a encarnação da austeridade e do administrador bem-sucedido que já havia, como dirigente da Central do Brasil, dado provas do senso de justiça e competência.

Já *celeritas* refere-se à audácia, à coragem do jovem conquistador que se legitima pela impetuosidade dos atos. Segundo Girardet: “O gesto do seu braço não é o símbolo de proteção, mas convite à partida, sinal de aventura. Ele atravessa a história como raio fulgurante.” (1987, p.112) Aqui é a energia, a determinação do herói que não vê, ou reconhece, obstáculos. Passos não está interessado em palavras. Não tem tempo a perder. Sabe o que quer. É agitado, enérgico, e provoca “tempestades”.

Segundo o mesmo Girardet, todo esse processo de heroificação está ancorado em determinadas circunstâncias. Há um diálogo, ou uma certa adequação, “entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história” (Idem, p.97-139). Tudo indica, então, que Passos pode ter atendido, naqueles anos de mudança, a uma dupla expectativa ao ter-se transformado em uma ponte entre a honra e a honorabilidade, voltadas para o passado, para a tradição, e a necessária agilidade daqueles novos tempos.

Finalmente, no que se refere ao chamado “tempo da lembrança”, não é necessário dizer muito. O nome e a administração de Passos viraram marco na historiografia. Ele

MEDIAÇÃO

próprio fez questão de deixar sua versão para a posteridade em livro que, ainda prefeito, encomendou ao jornalista Ferreira da Rosa (1905). A recuperação de sua gestão como uma “idade de ouro” (Girardet, 1987) tem-se processado em diferentes momentos da história carioca, desde o centenário de nascimento, em 1936 (Brenna, 1985), passando pelas comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade, em 1965 (Motta, 2001), até mais recentemente, nas décadas de 1990 e 2000, quando a prefeitura tem procurado reaver sua importância como agente transformador da realidade física da cidade, batizando o mais importante órgão de planejamento da cidade – a Empresa Municipal de Informática e Planejamento (IPLAN-Rio) – de Instituto Pereira Passos.

Considerações finais

Passados cem anos do primeiro ano da gestão de Pereira Passos, aqui estamos a nos debruçar sobre aqueles tempos. Entre as possíveis razões que podem explicar tal permanência, uma delas chama a atenção do historiador: as condições políticas excepcionais em que Pereira Passos tomou posse e governou. Contou, em primeiro lugar, com o irrestrito apoio de Rodrigues Alves, fazendo com que lhe fossem asseguradas amplas atribuições de governo, além de um volume considerável de recursos, obtidos muitas vezes por meio de empréstimos. Além disso, Rodrigues Alves optou por adotar uma estratégia de governo mais discreta, fazendo com que as atenções se voltassem diretamente para o prefeito e para as suas realizações.

Tratamos, portanto, da outra face dessa mesma questão, qual seja, a forma pela qual setores da intelectualidade carioca, por meio da imprensa, trabalharam no sentido de produzir um personagem-símbolo que atendesse às demandas do novo, do moderno. Em

MEDIAÇÃO

crônicas, charges, artigos, Pereira Passos, ao mesmo tempo que punha abaixo os cortiços da “cidade negra” (Chalhoub, 1990), erigia e fundava uma nova capital, instituindo um novo tempo.

Referências Bibliográficas

- ATAÍDE, Raimundo de. *Pereira Passos, o reformador do Rio de Janeiro*. Biografia e história. Rio de Janeiro: A Noite, s/d.
- BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora UnB, 1982.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRENNA, Giovanna Rosso Del (Org.) *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Index, 1985.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- CAMPOS SALES, Manuel Ferraz de. *Da propaganda à Presidência*. Brasília: Editora UnB, 1983.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FERREIRA DA ROSA. *Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1905.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: EdUSP, 1973.
- FREIRE, Américo. Campos Sales e a República carioca. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, 2 (1), 1996.
- _____. *Uma capital para a República*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- GIRARDET, Raul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. Do jornalismo literário aos meios de comunicação de massa. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.) *Imprensa e capitalismo*. Kairós, 1984.
- LEVILLAIN, Phillippe. Les protagonistes: de la biographie. In: RÉMOND, René (Dir.). *Pour une Histoire Politique*. Paris: Seuil, 1988.
- MEDEIROS, Rosemeire. Alcindo Guanabara: política e imprensa no Rio de Janeiro da *belle époque*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997 [monografia].
- NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- REZENDE, Beatriz. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

MEDIAÇÃO

ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

VELOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

Abstract – *This text is an attempt to analyze how some sectors of the “carioca” intellectual elite have contributed, by means of the press, for the creation of a symbolic character – mayor Pereira Passos -, to whom were accredited the necessary conditions for the foundation of a new time in the city of Rio de Janeiro.*

Keywords: Pereira Passos; Rio de Janeiro; *urban reform; intellectuals.*

Resumen – *En este texto, se trata de examinar como determinados sectores de la intelectualidad de Río de Janeiro, por medio de la prensa, contribuyeron para la producción de un personaje símbolo – el alcalde Pereira Passos –, a quien se atribuyeron las condiciones necesarias para se fundar una nueva era en la ciudad de Rio de Janeiro.*

Palabras-clave: Pereira Passos; Rio de Janeiro; *reforma urbana; intelectuales.*

Notas

¹ *Gazeta de Notícias*, 18/11/1900.

² Sobre a abordagem teórico-metodológica aqui adotada, estou me valendo do título e das idéias de Burke, (1994). Sobre a noção de representação, ver Chartier (1990). As seções seguintes deste artigo baseiam-se no capítulo 5 do meu livro intitulado *Uma capital para a República*. Ver: Freire (2000).

³ Sobre o significado da crônica na vida cultural carioca, ver Rezende (1995).

⁴ A imagem de Passos ganhou as páginas de diversas publicações no primeiro semestre de 1903, seja nas revistas de variedades, como a *Kósmos*, seja nas de humor, como *Malho*, *Tagarela* e *Careta*, nas quais o prefeito era apresentado como condutor dos acontecimentos. Ver levantamento da imprensa carioca no período em Brenna (1985).

⁵ *Gazeta de Notícias*, 4/6/1903.